

Teria a teologia de Lutero relevância para a América Latina?*

Reflexões *interessadas* a partir da teologia de Lutero no contexto dos 500 anos da Reforma luterana (1517-2017)

Roberto E. Zwetsch**

* Este artigo é parte do número coletivo para revistas latino-americanas de teologia, animado pela Comissão Teológica Latino-americana da ASETT/EATWOT para 2017.

Resumo

O artigo aborda questões selecionadas da teologia de Lutero, desde a perspectiva da teologia latino-americana. Procura responder à pergunta pela relevância atual da teologia de Martin Lutero e o movimento da Reforma da Igreja no século XVI. O autor faz uma releitura enquanto leitor *interessado* na teologia de Lutero e não como especialista, uma vez que a obra do reformador é tão vasta que quase se pode qualificá-la metaforicamente como *amazônica*. Com base em estudos especializados de conhecedores atentos da obra de Lutero, notadamente teólogos e teólogas luteranos latino-americanos, o autor se propõe a destacar – de forma crítica e construtiva – possíveis contribuições da teologia de Lutero que podem servir como *inspiração* para a reflexão e o diálogo teológico contemporâneos, num contexto dominado pela pretensão de um pensamento único e de uma economia política que despreza a contribuição e a própria presença dos setores populares e das pessoas mais vulneráveis que não contam para o sistema dominante.

Palavras chave: Lutero: teologia; Teologia: latino-americana, questões atuais.

Abstract

The article addresses selected questions from Luther's theology from the Latin American perspective. It seeks to answer

** Roberto E. Zwetsch é pastor e teólogo luterano, professor no Programa de Pós-Graduação e Bacharelado em Teologia de Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil.

the question of the current relevance of the Martin Luther's theology and the movement of the Church Reformation in the sixteenth century. The author reinterprets it as a reader interested in Luther's theology and not as a specialist, since the work of the reformer is so vast that it can almost be described *metaphorically as Amazonian*. Based on specialized studies by expert connoisseurs of Luther's work, notably Lutheran theologians and Latin American theologians, the author sets out to highlight - in a critical and constructive way - possible contributions of Luther's theology that can serve as inspiration for reflection and the contemporary theological dialogue in a context dominated by the pretension of a single thought and a political economy that despises the contribution and the very presence of the popular sectors and the most vulnerable people who do not count for the dominant system.

Keywords: Luther: theology, Theology: Latin American, contemporary issues.

Introdução.

Crux sola est mostra theologia.
(Martinho Lutero, WA 5, p. 176).

Às vésperas das comemorações dos 500 Anos da Reforma da Igreja no século XVI (1517-2017), as igrejas evangélicas luteranas no mundo se preparam para celebrar a data com eventos e atividades que visam a trazer à luz a importância da redescoberta do evangelho de Jesus feita pelo monge agostiniano Martinho Lutero e que tem como marco inicial a divulgação das *95 Teses sobre as indulgências*, afixadas na porta da Igreja do castelo em Wittenberg no dia 31/10/1517¹. Lutero, sem dúvida, é personagem central das mudanças que ocorrem no início do século XVI, mas vale lembrar que ele vem de um contexto marginal na Europa de então. A oportunidade dessa comemoração permitirá a retomada de textos de Lutero e, quem sabe, releituras inovadoras de sua teologia, sem cair em mimetismos vazios ou o *mal do arquivo* como em certas pesquisas historicistas.

Em outubro de 2015, realizamos no PPG de Faculdades EST um Seminário Internacional intitulado *Fides et ratio - Temas na teologia e filosofia suscitados por Lutero e a Reforma do século XVI*. Na justificativa do Seminário, o teólogo luterano Vítor Westhelle nos recordou que, diante do

¹Este fato, repetido a cada 31 de outubro nos meios luteranos, segundo Martin N. Dreher não tem comprovação histórica. Já a repercussão das teses varreu o território alemão da época e se tornou o estopim de um movimento que marcou a história do Ocidente, desde então. Cf. M. DREHER, Martin, *De Luder a Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 85.

mistério, entendido como *um distúrbio que fascina e choca, atemoriza, comove e desestabiliza* (tremendum), normalmente nos sentimos cheios de espanto e incapazes de explicações puramente racionais. É como se um poder *indômito, obscuro, fascinante e terrível*, a um só tempo, abrisse fissuras em nossa vida e seguranças cuidadosamente preservadas. O *mistério* – como escreveu quatro séculos mais tarde Rudolf Otto, no seu magistral *O Sagrado*² – não se deixa enquadrar em esquemas racionais ou teológicos, simplesmente irrompe, causa fascínio, adoração, mas também angústia (*Angst*), temor, dúvida, insegurança, caos, abismo. Este *mistério indomável, inominável, incomensurável, sem valor de troca ou de uso no cotidiano*, como escreveu Westhelle, pode ser compreendido como uma aproximação do que se passou com a experiência escatológica, quase apocalíptica, que tomou conta do espírito e da vida do monge Lutero, que então se chamava *Luder*, nome da família de Hans Luder, seu pai.

²*Das Heilige*, 1917.

É por isso que a retomada da Reforma e da teologia de Lutero merece cautela para que não caiamos em triunfalismo fácil, exagerado, ingênuo, ou pior, inepto. Se formos coerentes com a descoberta de Lutero e de outros reformadores da igreja *antes dele e junto com ele*, vamos convir que aqueles eventos merecem uma reflexão profunda e atenta, pois que representaram uma mudança de rumos e de época na Igreja cristã e na sociedade. E esta visão mais ampla é relevante aqui porque a Reforma do século XVI não é fruto da força e do gênio extraordinário de apenas um indivíduo carismático, mas resultado de um *movimento de reforma da Igreja*, cujas raízes adentram a Idade Média, remontando ao movimento de Jan Hus, na Boêmia, de João Wyclif, na Inglaterra (século XIV). Mais tardiamente, entendo que se poderia recuar até São Francisco com a reviravolta que provocou ao procurar seguir quase que literalmente o evangelho de Jesus (século XII), precedido que foi pelos movimentos dos cátaros (= puros) e dos valdenses, seguidores de Pedro Valdo, que como Francisco, procurou seguir o caminho do evangelho da forma o mais literal possível.

A visão que se tem da Reforma do século XVI normalmente padece da limitação que temos para compreender a época de sua emergência. Pobreza, miséria, mudanças nas formas de viver, trabalhar, se comunicar, negociar, até mesmo fazer guerra, movimentavam o cotidiano das pessoas que não conseguiam entender bem o mundo em que viviam. *Mesmo Lutero, um jovem talentoso e que muito cedo se tornou doutor da Escritura e professor na Ordem Agostiniana,*

por vezes perplexo aos acontecimentos. A Contra-Reforma, que foi uma resposta da Igreja de Roma à Reforma Luterana (como ficou conhecida à revelia de Lutero), também assumiu desafios antes nunca imaginados no conjunto da Igreja. A este movimento estão associadas pessoas brilhantes na vida cristã como Teresa de Ávila, São João da Cruz e Inácio de Loyola. Portanto, ao assumirmos o desafio da reflexão sobre a Reforma precisamos chegar-nos com a humildade e a capacidade redobrada de auscultarmos sua mensagem com coração atento, inteligência e abertura de espírito.

Num momento em que as igrejas buscam caminhos de diálogo sempre mais criteriosos e profícuos, o desafio é encontrar na teologia da Reforma e de Lutero o que chamo de *inspirações* para o nosso testemunho e a prática de uma fé libertadora que anuncie esperança fidedigna para um novo mundo possível e necessário, se a luta pela justiça faz sentido para as pessoas que creem naquele Jesus chamado Cristo³.

Neste artigo, pretendo retomar alguns dos temas programáticos na teologia de Lutero que procedem de uma leitura situada em nosso tempo e lugar. Isto significa que será diferente a leitura e a apropriação das teses luteranas se elas são estudadas e colocadas em prática na África, na Ásia, na Europa ou na América Latina. Isto parece óbvio afirmar, mas é necessário diante de certas hermenêuticas conservadoras e magistrais que por vezes se apresentam como as únicas possíveis. Num texto programático da *Cátedra de Lutero*, instituída no PPG de Faculdades EST em 2011, Vítor Westhelle escreveu que, nas últimas décadas, a pesquisa sobre Lutero vem ganhando novas e instigantes abordagens providas, por exemplo, da Finlândia (Tuomo Mannermann), da Suécia (Gustaf Wingren), da Dinamarca (Regin Prenter), da Suíça (Gerhard Ebeling), dos EUA (Gerhard Forde) e, claro, também na Alemanha de Lutero (Oswald Beyer). Especialmente, a pesquisa finlandesa e sueca, dois exemplos de leitura de Lutero fora de seu território nativo, tem trazido descobertas desconcertantes que leituras centro-europeias não haviam detectado.⁴ Acrescento aqui leituras latino-americanas como de Walter Altmann, *Lutero e libertação*, originalmente publicado em espanhol, inglês e em português e que neste ano ganhou nova edição revisada e atualizada;⁵ a pesquisa de Guillermo Hansen, *En las fisuras*. Esbozos luteranos para nuestro tiempo;⁶ ou ainda dois livros de Vítor Westhelle, o primeiro traduzido ao português, *O Deus escandaloso*. O uso e abuso da cruz⁷ e o segundo publicado neste ano: *Transfiguring Luther*. The Planetary Promise of Luther Theology.⁸ São al-

³Nesse sentido, vale a recomendação do estudo em grupos locais do documento *Do conflito à comunhão*. Comemoração conjunta Católico-luterana da Reforma em 2017, que acaba de ser publicado em conjunto pelas duas igrejas participantes do CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, numa tradução cuidadosa do Dr. Érico Hammes, da PUC/RS (Brasília: CNBB, Sinodal, 2015).

⁴Cf. V. WESTHELLE, *Por que Lutero é importante para a América Latina*. S/lugar, s/data (texto inédito).

⁵São Leopoldo: Sinodal, EST, 2016.

⁶Buenos Aires: IELU, 2010.

⁷São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2008.

⁸Eugen: Cascade, 2016.

guns exemplos entre outros que demonstram a oportunidade e a necessidade que sentem na pele estes teólogos e também teólogas luteranas, como se verá adiante, de encontrar na teologia de Lutero possibilidades insuspeitas de um reencontro com aquele *mistério* que nos captura, salva, liberta e envia para o serviço libertador e transformador no mundo caduco em que vivemos, existimos e sonhamos.⁹

Teologia da cruz: a libertação da teologia.

A cruz constitui o núcleo do pensamento da Reforma e da teologia de Lutero. Para ele, a cruz é a marca distintiva da *verdadeira teologia*, como aparece explicitamente nas teses do *Debate de Heildelberg* (1518) ou em sua interpretação dos *Salmos* (1519-1521), nos quais se vai encontrar uma inovação teológica, uma nova maneira de pensar e fazer teologia, na qual Deus, criação e humanidade são relidos *a partir do evento da cruz*.¹⁰ contrapondo-a à teologia escolástica que ele chama de *teologia da glória*. Na tese mais conhecida (21), Lutero afirma: *O teólogo da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo da cruz diz as coisas como elas são*. Disso decorre sua teologia ao longo de toda a vida, como se verá adiante.

Em que consiste tal novidade? Primeiro, na inseparabilidade da cruz e da justiça de Deus. Westhelle pergunta-se por que Lutero buscava um Deus misericordioso. A pesquisa revelou que a preocupação de Lutero era a busca de um monge medieval sobrecarregado por um sentimento de culpa que a mente moderna não mais consegue compreender. Esta busca levou o reformador aflito a se perguntar o que significa a justiça de Deus. Westhelle¹¹ esclarece algo importante: a pergunta de Lutero não é a tradicional pergunta pela teodicéia, isto é, como justificar o mal no mundo que Deus criou, pergunta de caráter antropocêntrico. A pergunta de Lutero é *teocêntrica*, quer dizer, ele quer entender o que Deus considera como justiça. Esta questão o levou a juntar o que, aparentemente seria impossível: como Deus pode ser justo e, ao mesmo tempo (*simul*), amoroso, gracioso, redentor?

As respostas da teologia medieval (Anselmo, Abelardo) não satisfaziam Lutero, pois ele continuava atormentado e sem poder compreender um Deus juiz que exigia justiça, retidão e amor em sua lei [e a lei é boa, como Lutero sempre afirmou], quando o que ele encontrava em sua vida era apenas *dúvida, falta de fé e pecado*. Foi então que, no estudo da Carta aos Romanos, uma luz o atraiu e libertou: a justiça de

9O que interessa não é suscitar de Lutero nem sua experiência, nem seu sistema, tampouco sua prática ou sua teoria, mas seu gesto, por vezes ingênuo, por vezes ousado, de deixar o mistério aflorar sua ambivalência corrosiva inescrutável: Deus contra Deus; escreveu Vitor Westhelle no panfleto de divulgação do Seminário aludido.

¹⁰G. HANSEN, *En las fisuras*. Esbozos luteranos para nuestro tiempo. Buenos Aires: IELU, 2010, p. 51.

¹¹Cf. V. WESTHELLE, *O Deus escandaloso*. O uso e abuso da cruz. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 50ss.

Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: *o justo viverá por fé* (1.17). Este conhecimento de Deus se lhe apresentou como completamente novo porque Paulo completa o seu pensamento ao afirmar que este justiça é Cristo, e este *crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios* (1 Coríntios 1.23). Este Cristo é a revelação da *sabedoria de Deus* que é o lado inverso da sabedoria do mundo, que inclui toda a filosofia e a ciência conhecida então.

¹²M. LUTERO, *Obras selecionadas*. Vol. 1, Os primórdios. Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1987, p. 19-21.

Esta descoberta de Lutero ele a expôs de modo conciso e contundente nas teses do *Debate de Heildelberg* (1518), especialmente teses 19-22.¹² Nas teses 19 e 20, ele escreve: *Não se pode designar condignamente de teólogo quem enxerga as coisas invisíveis de Deus compreendendo-as por intermédio daquelas que estão feitas, mas sim quem compreende as coisas visíveis e posteriores de Deus enxergando-as pelos sofrimentos e pela cruz*. Na cruz, escondido em fraqueza, sofrimento e morte, encontramos Deus. Não como nós o desejamos, mas antes como ele se mostra e se entrega a nós.

Esta percepção de Deus contrariava a teologia escolástica. Lutero foi um ferrenho opositor da filosofia, como propedêutica para a teologia, atacando de forma irônica especialmente Aristóteles. A filosofia tem seu lugar e este diz respeito, por exemplo, à economia, à política, à ordem humana da vida. Aí suas lições são válidas e necessárias. Mas quando se trata da teologia e da palavra de Deus, há que começar não pela sabedoria humana e suas premissas, mas ali onde Deus mesmo se quis mostrar, apesar de isto se chocar frontalmente com nosso desejo de onipotência e grandeza. Lutero compreendeu este *non sense* (tolice) e passou a defender com todas as suas forças que a teologia é uma realidade sofrida e vivida, primeiro por Deus mesmo, e nele, por nós, como escreveu G. Hansen.¹³ Na explicação da tese 20, ele complementa: *as coisas posteriores e visíveis de Deus* [reporta-se aqui ao encontro de Moisés com Deus quando este pede para ver a sua glória. Deus responde que nenhum ser humano pode ver sua glória e permanecer vivo, cf. Êxodo 33.17-21] *são opostas às invisíveis, ou seja, humanidade, debilidade, tolice, ao feitio de 1 Coríntios 1.25, que fala de debilidade e de tolice de Deus*. Na sequência Paulo afirma que aprovou a Deus salvar os crentes pela tolice da pregação, concluindo que é bem ai, na cruz, no Cristo crucificado que *estão a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus*.

¹³Cf. G. HANSEN, op. cit., p. 53.

Mas Westhelle alerta-nos para o perigo de, novamente, fazer desse escândalo algo domesticado e sem consequências para a vida cristã. Ele recorda que num sermão de 1525, Lu-

tero distinguiu o *discurso sobre a paixão* da *prática da paixão*, afirmando com seu modo característico que quem se esmera no primeiro é o diabo. *Seu argumento* – escreve Westhelle – *é quase como o de Jó contra seus amigos. Se necessário, é melhor culpar Deus, esse Deus oculto e inefável (deus absconditus), do que tentar explicar os caminhos de Deus, do que justificar Deus.*¹⁴

Este absurdo de encontra Deus onde não se poderia imaginá-lo ou buscá-lo precisa ser mantido e reafirmado a cada tempo e lugar. De certa forma, a teologia da libertação fez isto ao situar o encontro com Cristo crucificado hoje no *pobre, nas pessoas vulneráveis e sem fama, nos povos originários, nas mulheres, crianças, pessoas com deficiência*. Westhelle acrescenta que também na narrativa de Natal temos a presença dessa *cruz*, uma vez que a manifestação da divindade não se dá de forma inequívoca, mas indireta, uma vez que ela se encontra *na manjedoura, o poder na fragilidade, a sabedoria na tolice.*¹⁵

Esta abscondidade de Deus questiona todas as tentativas humanas de encapsular Deus em fórmulas, esquemas, sistemas, conhecimentos. É, portanto, salutar deixar-nos questionar por esta cruz e assumi-la como *sabedoria de Deus*, ainda que nos pareça absurdo e sem sentido, muitas vezes. Pois só assim, quem sabe, poderemos compreender por que aquele justo que foi crucificado – na sua angústia extrema – clamou: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (Mateus 27.46).

Num texto autobiográfico, Jürgen Moltmann narra como se deu com ele o encontro com este Cristo. Jovem soldado no exército alemão de Hitler, ele se encontrava certo dia numa bateria antiaérea em Hamburgo, quando os aviões ingleses bombardeavam a cidade. Uma bomba caiu próximo ao seu artefato e estraçalhou seu colega de arma. Moltmann escreve: *Aquela noite, clamei pela primeira vez por Deus: Meu Deus, onde estás? Desde então fui perseguido pela pergunta: Por que não estou morto também? Para que vivo? O que dá sentido à minha vida? É bom viver, porém é duro ser um sobrevivente.*¹⁶ Moltmann continua depois contando como foi preso, passando três anos num campo de prisioneiros de guerra, e de que forma começou a ler a Bíblia, que desconhecia mesmo vindo de um lar evangélico. Quando chegou à história da paixão de Cristo e conheceu o grito de Jesus na cruz, compreendeu o que significava aquele grito: *soube com certeza: está ali o único que me compreende. Comecei a compreender o Cristo atribulado, porque sentia que era compreendido por*

¹⁴V. WESTHELLE, op. cit., p. 67. Por isso, *a teologia da cruz é uma rejeição radical da teodiceia ou inclusive sua inversão. Deus justifica a nós, nós não justificamos Deus* (p. 67).

¹⁵Ibidem.

¹⁶J. MOLTSMANN, *A fonte da vida*. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo; Loyola, 2002, p. 10, e páginas seguintes para o que segue.

ele: o irmão divino na aflição, que leva consigo os cativos em seu caminho para a ressurreição. Recobrei o ânimo de viver. Fui tomado de uma grande esperança.

De minha parte, ao ler este depoimento de uma verdadeira *conversão* (se se quer), algo raro entre teólogos europeus, **me dei conta de que a Teologia da esperança** de Moltmann (publicada em 1964) nasceu ali na prisão de Norton Camp, Escócia. Também dessa experiência-limite de morte/vida é que vieram os impulsos para obras posteriores como *O Deus crucificado* (1972) ou *A igreja no poder do Espírito* (1975). A teologia de Moltmann assim está enraizada – como ele mesmo escreveu – na *teologia da cruz*.¹⁷

¹⁷Cf. J. MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia cristã, 2014, p. 17.

A teologia da cruz ganhou uma releitura provocativa na teologia da libertação quando esta assume um viés eminentemente político. Entre tantos teólogos e teólogas que escreveram sobre o tema, Leonardo Boff contribuiu com um dos seus melhores livros, *Paixão de Cristo – paixão do mundo* (1978). Ele escreveu o seguinte, num sentido muito próximo ao de Lutero:

Deus deve ser buscado *sub contrario*. Lá onde parece não haver Deus, lá onde parece que ele se retirou: lá está maximamente Deus. Essa lógica contradiz a lógica da razão, mas é a lógica da cruz. Essa lógica da cruz é escândalo para a razão e deve ser assim mantida porque só assim temos um acesso a Deus que de outra maneira jamais teríamos. A razão busca a causa da dor, as razões do mal. A cruz não busca causa nenhuma; aí mesmo na dor Deus está maximamente. [...] a cruz] deve se manter como cruz, como uma treva diante da luz da razão e da sabedoria deste mundo.¹⁸

¹⁸L. BOFF, *Paixão de Cristo – paixão do mundo*. Os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 136.

Mas a que tomar o devido cuidado com esta interpretação. Facilmente se poderia cair e justificar o *dolorismo* um tanto fatalista da religiosidade latino-americana. É por isto que a aceitação do sofrimento como parte da realidade crua da vida não significa simples e passiva aceitação masoquista dele. Em boa tradição cristã, significa antes luta contra o mal e suas causas, e resistência ao pecado e à fatalidade da vida. É por isto que na petição da oração exemplar de Jesus aprende a dizer com fé: *e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal*. A tentação do conformismo é real, mas Jesus adverte: no mundo viveremos em meio a tentações, mas a prece nos dá forças para não cair nelas ou diante dela. Ele nos fortalece para resistir ao mal e para tanto nos envio o seu Espírito¹⁹.

¹⁹Cf. R. E. ZWETSCH, *Missão como com-paixão*. Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. 2ª ed. revisada. São Leopoldo / Quito: Sinodal / CLAI, 2015, p. 318.

Na avaliação de L. Boff a teologia da cruz nos conduz ao caminho da *compaixão* com os crucificados hoje e sempre. Esta consequência é fundamental para evitarmos outro desvio espiritualizante da teologia da cruz. Como escreveu Boff, *Deus assume a cruz em solidariedade e amor com os crucificados, com aqueles que sofrem a cruz. Diz-lhes: embora absurda, a cruz pode ser caminho de uma grande libertação. Contudo que tu a assumas na liberdade e no amor.*²⁰

²⁰L. BOFF, op. cit., p. 144.

Há um tipo de sofrimento absurdo e sem sentido no mundo. E não cabe a ninguém justificá-lo. Com Cristo, é preciso assumi-lo na mais profunda dor e solidariedade. Este sofrimento precisa ser denunciado permanentemente e sem tréguas. Mas há o sofrimento livremente assumido na luta pela vida, na luta contra a opressão e a injustiça. Este segundo tipo apresenta um nível de dignidade humana incomparável porque adquire algo como um sentido *vicário*: sofrer pelo evangelho e pelo *outro*, para que outra pessoa ou povo seja liberto e tenha vida, é parte do evangelho do amor de Deus. E sua força que se aperfeiçoa na fraqueza extrema tem a estranha mania de negar o sistema porque não aceita a inevitabilidade do mal, mas se sustenta na força do amor divino, da liberdade maior que ninguém pode tirar ou suprimir, senão na morte. E mesmo nela, não há como apagar a promessa da ressurreição, da vida plena que vivemos *in spe*. Boff completa esta ideia afirmando que esta *atitude livre e libertadora exaspera os agentes do sistema* [...].²¹ Há um espaço subversivo na dor e no sofrimento, mas a ninguém está permitido justificar este lugar e momento.

²¹Idem, p. 152.

Uma última observação sobre este tópico se faz necessária. Em Lutero encontramos uma denúncia permanente contra toda pretensão de justificar-se diante de Deus. Em sua característica avaliação do *servo arbítrio* humano ele escreveu nas teses de Heidelberg (22-24) que o ser humano é escravo de seus desejos e luta por satisfazê-los, mas na medida em os satisfaz, quer mais, é insaciável. Por isto, para ele *o amor ao dinheiro cresce na medida em que cresce o próprio dinheiro*, o que ele chama de *hidropisia da alma*. O mesmo ocorre com todos os demais desejos, incluindo neles o desejo de agradar a Deus. Lutero considera tal desejo pecado, pois ele apenas manifesta a soberba humana, principalmente dos *sábios e entendidos*. Nesse sentido, sua interpretação do *Magnificat* de Maria é exemplar, pois ele vê naquela jovem e desconhecida camponesa o modelo da verdadeira fé e humildade, sem sofismas ou astúcia. *Justamente aquela que não buscou Deus*, foi por ele contemplada com o nascimento do menino que

seria Salvador do mundo. E esta humildade não lhe será jamais tirada. Por isto ela foi considerada bem-aventurada. Mas o que desconcerta no salmo de Maria é a consequência da ação misericordiosa de Deus que nela se manifestou graciosamente. Maria canta: *Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que no coração alimentavam pensamentos soberbos. Derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e desperdiçou vazios os ricos.* Desde os primórdios da igreja cristã, palavras como estas causaram grandes discussões e controvérsias, pois não deixam margem para falsas justificativas quanto aos sistemas de opressão e injustiça. E a quem Deus resgata e dignifica em primeiro lugar.

Se queremos saber o que significa a graça que liberta, então temos de reconhecer que Deus age *sub contrario*, nas pegadas da cruz e dos crucificados e não nas manifestações de sucesso e dos bem situados na vida.

Creio que isto basta para este tema central da teologia de Lutero para o propósito aqui sugerido. No que segue vou alinhar alguns dos temas programáticos que a teologia de Lutero sugere sejam abordados, com a necessária reinterpretação a partir do nosso tempo e lugar.

Temas ou tarefas programáticas.

Sigo aqui as sugestões reunidas por Vítor Westhelle no lançamento da *Cátedra de Lutero*, acrescentando alguns comentários pessoais. Um dos desafios permanentes da teologia na América Latina é a releitura bíblica confrontada com as diferentes tradições por meio das quais a sua mensagem chegou até nós. Esta releitura é imprescindível porque a cada novo momento as respostas antigas se mostram deficitárias e, por vezes, inócuas para a vida concreta. Assim, pode-se inferir que nem toda a leitura bíblica serve, embora à primeira vista possa estar amparada na tradição e no dogma. Penso, por exemplo, na participação das mulheres no ministério, no acolhimento das pessoas homoafetivas na comunidade, no respeito e comunhão com as pessoas com deficiência em todas as atividades comunitárias, na luta pela dignidade ferida dos pobres e oprimidos. Em todas estas situações a chave de interpretação do texto bíblico e da tradição haverá de considerar o que é central na mensagem evangélica e o que é aceitável, mas não exigência. O apóstolo Paulo teve de lidar com questões muito concretas na comunidade de Corinto quando teve de responder sobre *dias santos* ou *carnes sacrifi-*

cadavros aos ídolos. Hoje temos muitas novas questões que nos cobram respostas. O discernimento quanto à ação e à ética precisará recorrer à diferenciação entre lei e evangelho. Se a lei mata, o Espírito – âmbito da ação do evangelho – liberta. Nesse sentido, é importante recordar a afirmação de Paulo: *O Senhor é o Espírito. E onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade* (2 Coríntios 3.17). A mensagem cristã tem em sua base a experiência da liberdade: *Foi para a liberdade que Cristo nos libertou* (Gálatas 5.1). Esta liberdade, porém, não é a liberdade do sistema que insufla uma vivência individualista e voltada unicamente para o próprio umbigo. É a liberdade que se realiza no amor de uns para com os outros, no amor mútuo, no amor que edifica a outra pessoa e a faz plena em si mesmo, sem cobranças ou novas dependências. Há aí outra concepção do amor que aponta para a convivência dos diferentes que se aceitam e cooperam para algo que transcende a ambos. É, pois, amor criativo, libertador.

Nesse processo de rever e recriar as tradições e a mensagem do velho evangelho, nessa caminhada em que aprendemos, por vezes a duras penas, sacar do baú velhas e novas ideias e propostas, coloca-se o desafio da *ousadia*, como escreveu Westhelle. Tomando a sugestão para as comunidades luteranas, não seremos suficientemente *luteranos*, se não ousarmos fazer novas perguntas à tradição e ao próprio evangelho. Novas respostas só advirão se soubermos romper com preconceitos para superar os cânones dominantes que, seguidamente, mais nos aprisionam que nos fazem avançar com os que mais sofrem e clamam por liberdade e sopro de vida.

Contextualização como tarefa maior exigirá afinar a capacidade de interpretar o mundo em que vivemos e ao qual somos enviados para servir como sal e luz, ainda que nossa luz por vezes seja apenas de uma velha lamparina. Capacidade hermenêutica crítica cheia de contrastes e pontos cegos, mas que se torna irrecusável, se de fato somos um povo a caminho e que caminha na fé e pela fé. O luteranismo na América Latina é tão minoritário que pode ser visto como uma pequena nota de rodapé. Ainda assim, por sua trajetória enraizada na tradição protestante, na luta pela liberdade e dignidade humana, por sua postura ecumênica e aberta ao novo, desponta como um dos ramos do cristianismo contemporâneo com enorme potencial de provocação para uma nova compreensão do que seja a igreja como comunidade viva e missionária, que compreende a vida cristã e o conteúdo *da fé e da esperança como forças de renovação deste mundo* marcado por violências sem perdão. Um dos desafios mais

interessantes que vem ocorrendo, neste sentido, tem sido a aproximação com a teologia pentecostal e com teólogos pentecostais. Há um potencial não trabalhado na *liberdade cristã* que o Espírito confere a quem se deixa por ele mover. E nesse diálogo, certamente provocativo para ambos os lados, há muito a aprender e conquistar como discípulos e discípulas do Autor e Consumador da fé comum (Hebreus 12.2). Neste diálogo construtivo e crítico, também se pode entrever a ampliação para a conversação com outros contextos como a teologia e as igrejas do hemisfério norte que se dispõem a uma caminhada conjunta e fraterna com a América Latina.

Outras demandas urgentes dizem respeito às questões da justiça, da preservação ambiental, do cuidado com a terra e as pessoas pobres ou vulneráveis. A teologia que não se abre para estes gritos que soam, cada dia, mais altos perderá sua força de libertação e transformação, além de apequenar sua missão a serviço do evangelho da vida e do amor libertador. Nesse âmbito, teremos de tratar com a maior seriedade e acuidade as questões de vida e de morte que atingem milhões de pessoas entre nós e no mundo. Penso, por exemplo, na matança de jovens no Brasil, sobretudo a juventude negra que sente no corpo o que vem a ser o racismo ocultado pela propaganda, mas que impregna o cotidiano da vida das pessoas e se confirma nas delegacias de polícia, nos presídios, na falta de oportunidades e de trabalho digno para boa parcela dessa população. Penso ainda no crescente número de migrantes da América latina e outras regiões que vêm ao Brasil para tentar reconstruir suas vidas e achar um lugar seguro para imaginar um futuro digno para si e seus filhos e filhas. Acessos de xenofobia e discriminação servem de alerta para que vejamos na população migrante um sinal de que a democracia que queremos ou imaginamos ser o regime que nos governa ainda não passou da formalidade para as relações concretas da sociedade. O conteúdo autoritário das relações sociais, herança colonial ainda presente nos dias de hoje, precisa ser questionado e nada melhor do que fazê-lo a partir de situações como estas que dizem respeito ao povo migrante. Um terceiro exemplo é a maneira como lidamos com os povos indígenas e seus direitos. A não demarcação de seus territórios, os intentos de retroceder nos direitos duramente conquistados e consubstanciados na Constituição de 1988, o número crescente de suicídios de jovens em muitas comunidades, alertam para um drama que não poderá ser ocultado. Há um clamor que se expressa nas redes sociais e nas praças, com a presença corajosa de lideranças e associações, muitas

vezes estigmatizadas e violentadas, e que está na hora de ser escutado, em primeiro lugar pelas comunidades de fé. A vida em meio à morte e ao descaso. Tem momentos em que não há mais como esperar. No caso de alguns povos indígenas como os Kaiowá do Mato Grosso do Sul já se passou dos limites. Não há mais muito a esperar. É hora de lutar e cobrar por ressurreição e respeito ao direito de viver.

As mulheres no movimento da Reforma.²²

Uma das ausências mais constrangedoras na história da Reforma é a participação das mulheres no movimento. E ela existiu, de fato e de direito. Pesquisas recentes feitas por teólogas e teólogos mais perspicazes e comprometidos com os lados encobertos da Reforma vem insistindo neste ponto: a Reforma não teria acontecido sem as mulheres, como defende o historiador Martin H. Jung.²³ A teóloga luterana brasileira Claudete Beise Ulrich vem realizando pesquisas com a finalidade de resgatar algo dessa história. Em artigos de divulgação demonstrou como algumas dessas mulheres foram não apenas apoiadoras do movimento, como assumiram liderança e até mesmo um papel teológico explícito. É o caso de Argula von Grumbach, uma descendente de família nobre da Baviera e que recebeu educação formal desde criança na casa de Alberto IV, regente da Baviera. Aos dez anos a menina recebeu do pai um presente raro e muito valioso na época: um exemplar da Bíblia. Em 1522, um jovem professor da Universidade de Ingolstadt, Arsacius Seehofer, que fora aluno de F. Melancton, teve de retratar-se publicamente por suas ideias reformatórias. Em 1523, Argula escreveu carta à direção e docentes da Universidade e ao regente da Baviera solicitando explicações quanto ao afastamento do jovem professor. Argula sabia ler, escrever e tinha conhecimentos bíblicos. Num registro se encontrou a seguinte afirmação da parte dela: *Mesmo se viesse a acontecer que Lutero negasse tudo o que disse – que Deus não o permita – , isso não mudaria em nada minha opinião. Eu não construo a minha opinião sobre a opinião de Lutero ou de qualquer outra pessoa, mas sobre a verdadeira rocha: Jesus Cristo*, como escreveu Beise Ulrich em seu artigo. A pesquisa revelou que Argula von Grumbach é uma das primeiras escritoras e teólogas protestantes. Ela escreveu cartas que foram publicadas, tipo panfletos, nas quais defendeu a Reforma Protestante com *argumentos teológicos e citações bíblicas como Joel 2.27s, Gálatas 3.27s*. Foram publicadas oito cartas de sua autoria,

²²Há um projeto internacional de mulheres e pesquisadoras luteranas que vem trabalhando no resgate da participação das mulheres no movimento da Reforma. Para acessar essas informações preciosas, cf. www.evks.de/FrauenderReformation

²³C. BEISE ULRICH, Argula von Grumbach: teóloga e escritora. In: *Novolhar*, 61(2016) pp. 36-37, também para o que segue.

escritas provavelmente entre setembro de 1523 e o outono de 1524. Ela manteve correspondência e conversas pessoais com os reformadores. Lutero reconheceu-a como *um instrumento especial de Cristo*. Beise Ulrich conclui o artigo afirmando que *é incompreensível que ela tenha ficado à margem da história, silenciada e invisibilizada, quando se estudam sua história e suas cartas, que demonstram uma clara contribuição ao movimento da Reforma Protestante*.

Um segundo exemplo foi a duquesa Elisabeth von Calenberg-Göttingen, nascida em 1510, casada aos 15 anos com o duque Erich I, 40 anos mais velho, viúvo, regente de Braunschweig-Calenberg-Göttingen. Até os 25 anos ela deu à luz quatro crianças: as meninas Elisabeth, Anna Maria e Katharina, e um menino, Erich II, herdeiro do trono. Em 1534, em visita a sua mãe que morava numa cidade próxima a Wittenberg. Lá conheceu Lutero pessoalmente. Em abril de 1535, Elisabeth, suas damas de companhia e empregadas recebem pela primeira vez a Ceia sob as duas espécies (pão e vinho), conforme o rito luterano. Desde então Elisabeth manteve correspondência regular com Lutero, também enviando presentes a ele como vinho e queijo. Por sua vez ela recebeu vinho de amora e uma Bíblia traduzida para o alemão, com dedicatória pessoal de Lutero. Mas foi apenas em 1538 que ela definiu-se pela Reforma protestante, acompanhada pelo pastor Antonius Corvinus, que se tornou seu conselheiro pessoal. Após a morte do marido e até que o filho Erich II alcançasse a maioridade, ela assumiu a regência do território e introduziu a Reforma nele com a colaboração do pastor Corvinus, de modo que a Reforma se estendeu por toda a Baixa Saxônia. O filho não apoiou a mãe e buscou reintroduzir o catolicismo na região, agora movido pela Contra-Reforma. Elisabeth casou novamente em 1546, de cujas núpcias nasceram duas meninas. Ela veio a falecer aos 48 anos, em maio de 1558. Ficou registrado que tanto Lutero quanto Melancton tiveram muito apreço por esta mulher, que se notabilizou como teóloga leiga e liderança no movimento da Reforma.

Mas o caso talvez mais notável, embora igualmente com poucos documentos até hoje encontrados, foi o de Katharina von Bora, nascida em 1483, a monja que se tornou esposa de Martin Lutero. Em 1504 ela entrou para o mosteiro de Brehna, mudando para o mosteiro de Nimbschen, em 1508²⁴. A teóloga Heloisa Gralow Dalferth procurou resgatar algo da extraordinária vida dessa mulher e o que conseguiu foi muito pouco. Infelizmente, não encontrou nenhum

²⁴H. G. DALFERTH, *Katharina von Bora. Uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2000, também para o que segue.

documento dela mesma, apenas registros indiretos, alguns dos quais feitos por Lutero que considerou o seu casamento com Katharina a melhor decisão que tomou em sua vida, apesar de haver resistido durante bom tempo. Desde 1521 vários monges passaram a se casar. Amigos de Lutero o incentivaram nesse sentido. Lutero conhecia Katharina após ela deixar o convento com várias de suas colegas e ter-se refugiado em Wittenberg. Lutero até mesmo tentou casá-la com um amigo, Kaspar Glatz. Katharina era muito decidida e respondeu ao emissário: que de nenhuma maneira casaria com aquele homem, mas que se Lutero a quisesse como esposa, ela não se recusaria. O casamento aconteceu em junho de 1525, numa cerimônia privada num antigo mosteiro agostiniano, o *Schwarzes Kloster*, onde passaram a residir por um tempo. O casal foi abençoado com dois filhos e quatro filhas. Quando do casamento, Katharina foi quem assumiu todas as tarefas da administração da casa, que sempre estava cheia de visitantes e estudantes. Como professor universitário, Lutero recebia um soldo anual, que foi dobrado após o casamento, aumentado depois, além de uma ajuda do príncipe da Dinamarca. As editoras dos seus livros ofereciam remuneração anual, que Lutero se recusou terminantemente a receber, alegando que assim elas poderiam vender por preço mais barato seus livros, acrescentando que este dom do escrever era dádiva de Deus, Mas a vida do casal não foi fácil. Katharina com suas ajudantes e alguns empregados teve de organizar horta, criação de animais e em certo momento reformou o mosteiro para receber hóspedes estudantes que pagavam pela moradia. Um detalhe mostra a mudança radical pela qual passou o monge Lutero. A primeira providência que Katharina tomou após o casamento foi jogar fora a cama de Lutero. Seu colchão de palha não fora sacudido há anos e estava totalmente podre. Pode-se compreender a felicidade que tomou conta desse homem austero à medida em que conheceu melhor sua esposa. Heloisa G. Dalferth conta que Katharina era uma mulher muito ativa e organizada. Lutero chamou-a em uma de suas conversas à mesa de *a estrela da manhã de Wittenberg*. Nas cartas o tom elogioso de Lutero para com a esposa é evidente. Ele a chamava assim: *minha simpática... Katharina Luther, doutora, pregadora de Wittenberg, minha querida, minha querida dona-de-casa, minha mais querida dona-de-casa, doutora Luther de Wittenberg, doutora luterana*. Em muitos momentos Katharina participou de decisões importantes da vida da igreja evangélica que se organizava. Em carta de 02/07/1540, Lutero escreveu: *Eu escrevi para o*

pastor P. Pommer de que forma o idoso de Schwarzburg pede por um pastor para Greussen. Eu peço que tu, como mulher inteligente e doutora, juntamente com o mestre George Maior e mestre Ambrosio, ajudem a decidir qual dos três pastores que eu indiquei ao Pommer deverá se indicado. Nenhum deles é mau pastor. Mas sejam vocês inteligentes e façam o melhor. Que mulheres participassem ativamente em decisões desse tipo naquele tempo foi algo inusitado e extraordinário.

A vida do casal não foi fácil. Lutero viajava muito, adoecia seguidamente, sofria de depressões que exigiam muitos cuidados especiais da esposa. Katharina foi sempre o esteio da família Lutero. Duas filhas do casal morreram ainda pequenas. Quando da morte da filha Elisabeth com um ano de idade, Lutero disse nas conversas à mesa e em cartas a amigos que nunca pensou que o coração de um pai pudesse sangrar tanto por causa de uma filha. Quando a filha Magdalena estava prestes a morrer aos 12 anos, há o registro de um diálogo de Lutero com a filha adolescente deveras emocionante, ele procurando consolá-la diante da morte e ela respondendo: *Sim, querido pai, como Deus quer!* Magdalena era a preferida de Lutero. A dor da mãe e o desconsolo do pai se manifestaram no choro incontido. Lutero só ficou firme durante o enterro. Sobre este episódio trágico, Lutero escreveu a um amigo: [...] *como a morte de minha filha Magdalena me tortura. Eu não consigo esquecê-la.*

Após a morte de Lutero, a vida ficou ainda mais difícil para Katharina e os filhos. Havia o problema da propriedade, da sustentação econômica da família, agora sem o soldo do pai. Conforme os costumes da época, Katharina teve de aceitar do príncipe tutores que se responsabilizaram por ela, Erasmus Spiegel e seu meio-irmão Hans von Bora como representante legal dos filhos e mais algumas autoridades como o prefeito de Wittenberg e os professores Cruciger e Melanchton. Quando anos depois estourou a guerra de Esmalcalda, Katharina teve de fugir, intimada a deixar a cidade por seu a *Lutherin*. Época tormentosa em que precisou vender cálices de prata e joias para sustentar a si e aos filhos. Desesperada, doente e sem recursos, foi ajudada pelo rei Christian III da Dinamarca que a auxiliou com uma quantia razoável em dado momento. A família ficou muito pobre. Os filhos mais velhos saíram de casa para estudar, só Paul e Margareth viviam com ela, quando em 1552 estourou a peste em Wittenberg. Katharina ficou muito doente e veio a falecer em dezembro daquele ano. Foi sepultada com muitas honras na igreja de St. Marien em Wittenberg, enquanto a alocução foi proferida por Melanchton.

Sobre esta brava mulher já se escreveu que ela fez teologia na cozinha. Não por acaso Lutero discutiu com ela seguidamente questões teológicas que o preocupavam, consultando-a muitas vezes sobre o que ela pensava. Lutero sabia que sua esposa era mulher decidida e inteligente. Sabia ler e provavelmente leu muitos dos longos escritos do marido, ainda que as tarefas da casa e o cuidado das crianças tomassem a maior parte do seu tempo. No convento Marienthron de Nimbschen (local a 100 km de Wittenberg) onde Katharina viveu vários anos antes de sair para Wittenberg com 12 outras monjas, os escritos de Lutero chegaram e eram lidos por aquelas mulheres que ansiavam por liberdade e mudança de vida, como informa Heloisa G. Dalferth. A fuga do convento foi planejada. Houve comunicações entre Lutero e as 12 monjas, que esperaram por seu *sequestrador*. Ousadas, elas queriam mais para suas vidas, nisso foram movidas pela teologia luterana da justificação por graça e fé, que lhes deu coragem para deixar o hábito e a clausura numa época em que este passo poderia implicar até mesmo a morte. Várias dessas monjas depois casaram como aconteceu com Katharina. Não que a vida tenha sido mais fácil, mas mudou radicalmente.

O legado de Katharina von Bora para a causa da Reforma ainda deverá ser mais conhecido no futuro. Mas este registro histórico ficaria incompleto se não se fizesse menção da presença crescente e cada vez mais qualificada das teólogas luteranas no cenário teológico internacional. Wanda Deifelt, do Brasil e que hoje leciona nos EUA, Else Marie Pedersen, da Dinamarca, Kathleen Billman, Christine Helmer, Jacqueline A. Bussie, dos EUA, Mary (Joy) Philip, da Índia e atualmente docente no Canadá, Claudia Jahnel, a saudosa Dorothee Sölle, já falecida, da Alemanha, são alguns nomes que me ocorrem, junto com tantas outras colegas pastoras, docentes em Faculdades de Teologia e Universidades. Elas testemunham a participação, a força e a relevância de sua contribuição crítica nos processos eclesiais e na pesquisa teológica. Revelam com sua presença e pesquisa algo muita vezes invisibilizado da mensagem libertadora da Reforma, que extravasou seus próprios limites e hoje adentra espaços cada vez mais amplos da vida e da pesquisa. Não por acaso, a teologia feminista conquistou um lugar de ponta no âmbito das Faculdades EST de São Leopoldo, onde a Cátedra de teologia feminista surgiu há 30 anos sem qualquer interrupção, tornando-se um marco na teologia que se faz no Brasil.²⁵

²⁵Em continuidade daquela Cátedra, hoje o Programa de Gênero e Religião desenvolve intenso trabalho no estudo e pesquisa, na inserção em comunidades e na luta pela justiça de gênero e equidade nas relações entre as pessoas.

Celebração da Reforma e o Papa Francisco.

Um tema do momento, mas que tem transcendência porque diz respeito à compreensão do ecumenismo, do diálogo interreligioso e da luta pela vida, é a maneira como o Papa Francisco veio respondendo ao convite da Federação Luterana Mundial para participar das celebrações dos 500 anos. Já mencionei o documento conjunto católico-luterano *Do conflito à comunhão*. Aqui vale acrescentar a publicação do livro da *Oração comum*, um guia litúrgico que vai ajudar as igrejas e comunidades locais a comemorarem em parceria o aniversário da Reforma. Documentos e livros não mudam a história, isto é evidente. Mas por sua atualidade desafiadora acredito que tais iniciativas precisam ser estudadas e assumidas, por exemplo, por pequenos grupos das duas igrejas ou junto com outras igrejas, para examinarem sua fé e as razões de sua esperança, de tal modo que as comunidades consigam estabelecer alguns objetivos de caminhada conjunta em torno de ações concretas (como vem ocorrendo a partir das Campanhas da Fraternidade Ecumênicas). É possível imaginar que o livro da *Oração comum* sirva de elo de ligação a desencadear aquelas ações conjuntas como fruto do Espírito de unidade e serviço (diaconia transformadora) que nelas se manifesta. Na caminhada ecumênica, o que fica na memória é a *experiência vivida*, em fé e sob a graça divina. Nisto precisamos apostar com ousadia e criatividade.

Mas a caminhada entre luteranos e católicos tem outros lances que merecem atenção. Faço um registro da visita que a Arcebispa de Uppsala, da Igreja Luterana da Suécia, Dra. Antje Jackelén, fez ao Papa Francisco no Vaticano em maio de 2015. Foi um momento de congraçamento e bom entendimento. Na oportunidade, a Dra. Jackelén renovou a disposição da Igreja Luterana para o aprofundamento do diálogo ecumênico. O Papa Francisco, por sua vez, recordou a importância dos 50 anos do Documento do Vaticano II sobre o Ecumenismo e, surpreendentemente, chamou a colega de ministério de *irmã*, o que pode indiretamente significar o reconhecimento de que também as mulheres estão aptas para assumirem o *ministério* na igreja, tema evidentemente espinhoso no âmbito clerical católico-romano.

Outro sinal que merecerá acompanhamento ainda em 2016 será a visita que o Papa Francisco fará a Lund, Suécia, em outubro, para participar da Celebração Ecumênica em preparação aos 500 anos da Reforma em 2017. Não está no horizonte qualquer pretensão de uma fusão de igrejas, algo

impensável neste momento da história do ecumenismo. O que está em jogo é a *credibilidade da proclamação cristã* que, devido à divisão entre as igrejas e a competição desmedida pela verdade, se encontra diante de um impasse que só o tempo poderá redimir. Ou, para ser mais preciso, o tempo e a profecia.

No evento de outubro há uma circunstância inédita, cujo significado se poderá aquilatar mais adiante. O encontro reunirá na Igreja da Suécia, dirigida pela Arcebispa Jackelén, o Papa Francisco, de nacionalidade argentina, um papa que veio *do fim do mundo* como ele afirmou, isto é, da periferia do sistema eclesial, para coordenar o serviço da Igreja Católica Romana no mundo. Como presidente da Federação Luterana Mundial (FLM) lá estará o bispo Munib A. Younan, da Igreja Luterana da Jordânia, um palestino exilado do seu país e que conhece o sofrimento de seu povo na Palestina ocupada. Por sua vez, o secretário geral da FLM é o pastor Martin Junge, chileno que sentiu na pele e em sua comunidade de fé as consequências da ditadura de Augusto Pinochet.

Essas autoridades vão se encontrar na periferia da Europa, na Escandinávia, para darem um sinal de que a Reforma não pode ser apenas um evento do passado, mas que o importante é entendê-la como uma mensagem que aponta para a permanente necessidade de reforma e transformação de nossas igrejas para que elas não só anunciem o evangelho da graça, da fé e do amor, mas se tornem mensageiras vivas da liberdade cristã, de serviço diaconal ao mundo carente de misericórdia e compaixão. Esta mensagem de unidade e convergência de atitudes será profundamente ecumênica e deverá causar o seu impacto. Mais ainda: é como se a renovação do cristianismo, mesmo apresentando-se na Europa opulenta e do bem estar social, viesse da *periferia do mundo*, representada por pessoas que conhecem a dor, o sofrimento humano, a discriminação, a violência, a tortura, a morte, numa palavra densa teologicamente: a *cruz*. Parece-me que somente a partir dessa experiência se pode hoje compreender – em profundidade – o sentido do evangelho da graça e da cruz de Cristo. A ressurreição que proclamamos a cada celebração na eucaristia só faz sentido quando se compreende que ela é o outro lado da cruz da ignomínia e do sacrifício humano imposto pelo sistema dominante nos dias que correm.

Para continuar a reflexão.

A teologia de Lutero repercute ainda hoje em todo o mundo. A pesquisa em torno do seu legado se avoluma de

tal forma que é impossível acompanhá-la a fundo. Por isto mesmo, especialistas se reúnem periodicamente para colocar-se em dia como um grupo de pesquisa e debate. As diferenças são grandes na interpretação, na escolha dos temas, nas abordagens e nos resultados. E de fato, há que escolher enfoques ou certos pontos de vista para sua interpretação. Ainda que menor, tomo um exemplo de minhas pesquisas ainda incipientes na obra do Reformador. Recolho o caso de um debate com meu ex-professor Hermann Brandt, docente de Teologia Sistemática por alguns anos no Brasil, e que concluiu sua carreira acadêmica na Universidade de Erlangen nas áreas de Missiologia, Ecumenismo e Ciências da Religião. Brandt foi um estudioso acurado e crítico da teologia de Lutero. Em artigos expôs suas descobertas e aplicou-as em sua teologia da missão. No III Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana realizado em São Leopoldo, nas Faculdades EST, em abril de 2005, participei como debatedor em uma mesa em que Brandt falou sobre: *Identidade luterana: ética, missão e diálogo das religiões*.

H. Brandt abordou o tema da *identidade luterana* a partir de dois textos conhecidos da teologia de Lutero, *Dos concílios e da igreja* (1539) e *Contra Hans Worst* (1541), nos quais Lutero relaciona duas séries de marcas (*notae ecclesiae*) que tornam visível a igreja cristã no mundo. Todas elas estão *sob o signo da cruz*, que deve ser entendida como o sinal da identidade luterana. No primeiro texto Lutero relaciona sete marcas: palavra de Deus, batismo, sacramento do altar, chaves, servidores e ministérios instituídos por Cristo, agradecimento e louvor públicos, isto é, credo, canto, oração; por fim, a santa cruz, isto é, sofrimento, infortúnio, perseguição, tribulação, desprezo. Já no segundo escrito, as marcas relacionadas são ampliadas, mostrando que Lutero não pensa dogmaticamente, mas praticamente e de acordo com o momento e o contexto vivencial: batismo, sacramento do altar, chaves, ministério da pregação, credo, Pai nosso, honrar o governo secular, matrimônio, perseguição, e por fim, não à vingança, sim à intercessão pública pelos perseguidores. O ponto em comum é que essas marcas não são invisíveis, mas bem visíveis e fáceis de ser compreendidas por qualquer pessoa da comunidade. Por isso, Lutero as considera *católicas*, como ele provocativamente as define. Como falta uma dimensão ética mais evidente nas duas séries, Brandt encontra em Lutero um argumento que resolve a questão de uma forma muito interessante, se considerarmos o momento em que vivemos atualmente. Como

há uma tensão entre as duas séries, Lutero afirmou no texto de 1539: *além desses sete artigos principais, ainda existem mais outros sinais externos, pelos quais se pode reconhecer a santa igreja cristã, pois o Espírito Santo também nos santifica no que diz respeito à segunda tábua de Moisés*. Como Brandt explica, Lutero resolve a questão entre as duas séries *pneumatologicamente*. Como essas marcas têm por base o Decálogo e este nos ajuda a reconhecer a ação santificadora do Espírito Santo em nossas vidas, a ampliação das marcas – ou sua contextualização para usarmos uma linguagem mais contemporânea – ajuda a comunidade cristã a crescer em santificação ou a pôr em prática a nova vida em Cristo. Em outros termos, viver na força do Espírito significa pôr em prática as diversas formas concretas de vivenciar o amor de Cristo. Este é o trabalho do Espírito Santo e a tarefa da teologia é contribuir para esse discernimento.²⁶

Mas faltou uma informação na explicação do prof. H. Brandt que encontrei ao examinar mais atentamente os dois escritos. Por alguma razão, Brandt deixou de mencionar a marca que foi destacada num artigo escrito por Joachim Fischer de 1966 e publicado na revista *Estudos Teológicos*²⁷. Fischer mencionou que no artigo de 1541 havia uma *11ª marca*, assim expressa por Lutero:

Meu Deus e Senhor, se há algo em nós da antiga igreja, então o é infelizmente o jejum [...] Sim, nós não jejuamos somente, mas sofremos **fome** (com S. Paulo), e isto vemos nos nossos pobres pastores, nas suas esposas e filhos e muitos outros pobres, nos quais se vê a fome pelos olhos, que mal têm pão e água, e além disto estão quase nus, pois não têm nada que seja seu.²⁸

A *fome* é uma marca do povo cristão, da verdadeira igreja de Cristo, de seus ministros e ministras. E não o sucesso, a prosperidade, a felicidade a qualquer custo, o hedonismo doentio, a boa vida, mansa e calma. Se isto foi assim no século XVI – e Lutero ao longo de seus escritos fez muitas descrições cruas e duras da miséria do povo alemão na época –, por que hoje haveria de ser diferente? Por que não perceber a presença da igreja de Cristo nas favelas, nos cortiços das grandes cidades, nos quilombos dos descendentes de escravos negros, nas prisões coalhadas de jovens drogados, na população de rua que grita por um gesto de dignidade e aceitação, nos povos indígenas que veem seus territórios invadidos e esbulhados, nas prostitutas da noite, nos grupos LGBT escorraçados e

²⁶R. E. ZWETSCH, *Ibid*, p. 269s.

²⁷J. FISCHER, O conceito *igreja* de Lutero segundo seus escritos: Dos concílios e da igreja e Contra Hans Worst. In: *Estudos Teológicos*, 6 (1966), pp. 161-175.

²⁸WA 51, 486, 24 ss.

²⁹Sobre este texto e sua interpretação, cf. a avaliação feita por W. ALTMANN, *Lutero e libertação*. 2ª ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2016. Na conclusão do capítulo, o autor escreve: *Com justa razão e não por coincidência, a parábola do 'grande julgamento' tem inspirado a doutrina das igrejas e a ação de numerosos cristãos em gestos e atitudes concretas de solidariedade, justiça e amor. E isso independentemente de seu respectivo matiz confessional e denominacional. A parábola é graça e imperativo ético que supera tais fronteiras. [...] é também um significativo (e positivo) teste para a superação da tradicional controvérsia católico-luterana a respeito da doutrina da justificação* (p. 356).

³⁰V. WESTHELLE, *500 anos da Reforma. Luteranismo e cultura nas Américas*. São Leopoldo: Unisinos, 2015, p. 18s.

perseguidos de forma cruel, muitas vezes? Quer dizer, ali onde o sofrimento, a injustiça, a fome e a morte prematura campeiam ali mesmo se mostra *sub contrario* a presença de Cristo e de sua igreja. Se nossas comunidades de fé não conseguirem perceber isto e assumirem estas causas, estarão afastando-se **do evangelho e poderão perdê-lo de vista pelo caminho**. Especificamente sobre a fome, é preciso afirmar que ela degrada as pessoas, a tal ponto que podem praticar crimes para sobreviver. Por isto, programas como o da Fome Zero e depois o Programa de Segurança alimentar são necessários e urgentes. E devem ser apoiados seja quando e onde for possível. No caso de nossas igrejas luteranas, a fome de muitos questiona nossa celebração da Santa Ceia e a nossa prece constante *o pão nosso de cada dia nos dá hoje*. Pois estas preces e ações de graça não podem ser desvinculadas da fome alheia. Não por acaso um dos textos que mais teve repercussão da teologia da libertação na América Latina foi Mateus 25.31-46, pois ali Jesus indicou como se pode encontrá-lo em meio à pobreza e à vulnerabilidade mais extrema.²⁹

Termino com uma citação de Vítor Westhelle que sintetiza com clareza a compreensão aqui esboçada da teologia de Lutero e suas possíveis repercussões, em nossa realidade conflitiva e tão carregada de sofrimento e clamor:

Em resumo, o que ele [Lutero] diz é que a união hipostática da Fórmula de Caldedônia exige a afirmação de que Cristo está, segundo a carne (senão a nossa fé é falsa, o afirmou), transcendendo tudo, mas estando mais perto de cada coisa que cada coisa está em si mesma, quer dizer, mesmo na morte, ou acima de tudo na morte. Então à minha pergunta [...] sobre a relação de Cristo com o sofrimento existe uma simples resposta: essencial identificação. É o próprio Cristo que sofre na carne do sofredor. É o próprio Cristo que está enterrado na tumba de quem morreu. E para Lutero isso não era uma metáfora. Era literal. A segunda consequência é que se Deus está em Cristo segundo a carne em todas as coisas, toda natureza se faz corpo de Cristo. Isto tem implicações para a questão ambiental que não são apenas morais e éticas, mas profundamente vinculadas à questão da revelação e, sobretudo, da *revelatio sub contrariis*, a revelação no seu oposto. A terceira consequência é que, para Lutero, [...] a realidade de Deus em Cristo é híbrida. Não há uma essência ou uma identidade que possa ser isolada, muito menos manipulada. O híbrido é o que transita entre identidades.³⁰

Quando li este texto e sua afirmação que nem mesmo a morte nos separa do amor e da presença de Cristo, não pude deixar de lembrar-me de meu filho mais novo, falecido precocemente devido a uma enfermidade. É extremamente consolador e libertador saber e crer que nos limites entre a vida e a morte Deus em Cristo nos acompanha, sofre conosco para nos carregar com ele rumo à ressurreição.

Na Igreja matriz de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga solicitou a seu irmão da Congregação claretiana, Cerezo Barredo, um artista plástico de grande expressividade, que pintasse o Cristo ressuscitado. Trata-se de um mural impressionante e cuja teologia visual nos convoca a uma caminhada ecumênica e comprometida com os mais pobres, vulneráveis e sem vez na sociedade dominante. Cristo ao subir não vai só, mas dá a mão a este povo desgarrado e oprimido para que se levante desde agora rumo ao novo céu e a nova terra. Utopia? Pois é, na visão bíblica o Apocalipse nos fala de um Deus que vem; que desce para enxugar do rosto toda lágrima enquanto a morte será vencida e Deus habitará com sua gente e serão povos de Deus (Apocalipse 21.3s). Não se trata de ir ao céu, mas de estar atento para perceber como o céu baixa e vem até nós. Por vezes, sem que o percebamos, pois vem sub contrariis revelatio.